

Medo e espaço público: uma análise da cidade do Rio de Janeiro

Fabio Costa Peixoto¹

Resumo

Esta reflexão busca compreender alguns aspectos acerca do medo como estruturador de novos formatos de sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro assim como relacioná-los a uma discussão presente envolvendo espaço público em sua dimensão política a partir das reflexões de Hannah Arendt e Zygmunt Bauman que ao atentarem para as diversas questões como o peso da política através do espaço público assim como de novos formatos de sociabilidade no mundo contemporâneo oferecerem uma instigante contribuição para a delimitação e aprofundamento deste fenômeno. Como recurso metodológico utiliza-se entrevistas direcionadas para demarcar uma representação social e algumas percepções sobre o medo e a violência que assolam a cidade e seus efeitos sobre o espaço público carioca. Conseqüentemente, eles permitem afirmar a existência de uma nova sociabilidade pautada pelo medo e que se estrutura no desestímulo da política em sua condição sine qua non.

1.Introdução

Uma justificativa para inserção desta comunicação no programa do simpósio temático “Multiplicidades: histórias e memórias das transformações urbanas no Brasil contemporâneo” se encontra na sua preocupação central que é a de compreender as recentes transformações urbanas e o seu impacto sobre a cidade e seus agentes através da interface de múltiplos olhares como, por exemplo, o do Planejamento Urbano, da Ciência Política e especialmente da História.

Outra motivação ocorre devido à necessidade de se discutir um processo mais amplo como a cotidianidade urbana em suas singularidades acentuadas como o medo, a violência e o esvaziamento do espaço público que possibilitam a indagação sobre a existência de uma nova sociabilidade urbana que denominou-se de “sociabilidade do medo”.

¹ Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais e Pós-Graduado em Sociologia Urbana pela UERJ e Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ e Docente do Instituto Federal de Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Sudeste de Minas – Campus Muriáe.

Logo, a preocupação em analisar a relação entre o medo em sua perspectiva social e seu impacto sobre o espaço público principalmente em sua dimensão política proposta por esta comunicação se adere ao tema norteador deste simpósio temático.

Então, as grandes metrópoles tem se configurado nos dois últimos séculos em um surpreendente objeto de pesquisa especialmente se nos atermos a questão da sociabilidade e poderíamos até dizer á um modo de “vida urbano” como apontou Loius Wirth. Ao representar o local de maior concentração populacional na contemporaneidade, a cidade, de uma forma ampla, deixa de lado algumas de suas antigas características, entretanto, outras são potencializadas como é o caso do medo já retratado em análises clássicas como é o caso de DELUMEAU e MALAGUTTI e que são abordados com um olhar mais recente nos casos de Zygmunt Bauman e Marcelo Lopes de Souza.

Qual seria a motivação para a escolha do medo? Sua importância se deve pelo seu caráter de formatador de uma nova sociabilidade urbana e mais, de um importante elemento de ação política como será discutido a seguir. Cabe neste momento conceber uma reflexão acerca desta nova sociabilidade que, mesmo possuindo aspectos inerentes a própria metrópole, foi acentuado com o crescimento desordenado das grandes cidades assim como de processos mais amplos como o enfraquecimento do Estado-providência e do individualismo. Como passo seguinte neste contexto, a política *stricto sensu* se esvai frente a ênfase no processo de privatização do público e da desapareição do homem público tão destacado por Hannah Arendt.

Logo, o “medo social” conforma atitudes, sociabilidades e até a agência acabando por refletir em uma nova postura sobre a política como analisa Hannah Arendt em sua reflexão em torno da “condição humana”. Ela impacta na cidade do Rio de Janeiro especialmente ao referenciar a temática do espaço público e os efeitos do medo e a da violência sobre ele implicando em um campo a ser explorado mais detidamente.

Dentre estes, destacam-se a violência e o conseqüente medo social resultante da ação do primeiro sobre uma metrópole do porte do Rio de Janeiro acarretando uma série de conseqüências significativas para a sociedade carioca, variando de modificação de

hábitos cotidianos ao esvaziamento do espaço público, de onde se destaca o seu viés político, ressaltado principalmente na discussão empreendida por Hannah Arendt em suas diversas obras como “A Condição Humana”, “O que é Política?” e “A promessa da política” em torno dos conceitos de política, espaço público e ação política.

2. O medo e seus efeitos sobre a sociabilidade urbana

A temática do medo tem sido uma constante nas discussões das Ciências Sociais especialmente nos denominados estudos urbanos de onde é originária esta reflexão. Logo, o medo pode ser discutido como um instrumento moldador de práticas sociais e de formatos de sociabilidade, constituindo-se em um extenso campo de pesquisa a ser explorado.

Cabe um adendo sobre o medo e seu impacto social, ele é dado através de sua consideração como um condicionante social, ou seja, um elemento que molda um novo formato de sociabilidade ditado por novas práticas sociais oriundos tanto de processos mais amplos como o acentuado nível de implementação da modernidade tanto quanto no caso de esgarçamento das características metropolitanas.

Então, uma análise acerca do medo no caso específico da cidade do Rio de Janeiro realiza-se pela utilização das reflexões de Zygmunt Bauman, Vera Malagutti e Marcelo Lopes de Souza. De onde o primeiro estrutura a sua análise em torno da implementação de uma denominada “modernidade líquida” e seus efeitos nos mais diversos aspectos da vida social, onde se insere a sua compreensão sobre o medo e posteriormente, a função da política no interior da mesma; Malagutti foca a sua preocupação na construção do medo ao longo da história da sociedade brasileira a partir da medo as classes populares enquanto o terceiro atenta para a construção de um novo formato de sociabilidade denominado por ele como “Fobópole”.

Bauman destaca uma relevante definição de medo onde ele é

nome que demos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance.(BAUMAN,2008, p.8)

que indica para o ponto de partida de nossa reflexão.

Ao delimitar o medo como um tema a ser analisado aponta-se para os seus impactos em uma perspectiva sociológica a partir da compreensão do papel da representação social acerca do medo que adquire destaque, pois ele potencializa a ação do medo e, ao longo do seu desenvolvimento, se tangibiliza e ganha contornos mais claros principalmente na cidade do Rio de Janeiro, indo do medo às classes populares á ao medo em relação ao espaço e a esfera pública.

Na perspectiva baumaniana, o medo líquido se caracteriza também pela fluidez e pelas incertezas típicas deste momento histórico que multiplicam os seus efeitos sobre a metrópole, gerando uma sociabilidade pautada em relações marcadas pelo individualismo ascendente no auge da modernidade líquida. Esta posição é ressaltada pelo fato que

no ambiente líquido-moderno, a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram - ainda que nenhum deles seja percebido como *inadministrável* - passaram a ser considerados companhias permanentes e *indissociáveis* da vida humana. (BAUMAN, 2008, p.15),

logo a incerteza é um elemento relevante nesta nova configuração social que colabora na compreensão deste conjunto de fenômenos.

Ela nasce de acordo com Bauman, de um sentimento de impotência: não parecemos mais estarmos no controle, seja sozinhos, em grupo ou coletivamente, dos assuntos de nossa comunidade, da mesma forma que não estamos no controle dos assuntos do planeta.

Esta posição é reafirmada por Bauman quando ele aponta que no

mundo líquido-moderno, os perigos e os medos são também de tipo líquido -ou seriam gasosos? Eles flutuam, exsudam, vazam, evaporam... Ainda não se inventaram paredes capazes de detê-los, embora muitos tentem construí-las. (BAUMAN, 2008, p.128)

de onde constatamos a volatilidade deste processo o que em certo sentido, oferece obstáculos a uma maior aprofundada compreensão deste fenômeno.

Então, uma associação entre o medo, a incerteza e o risco, na concepção de Ulrich Beck auxilia na delimitação e na compreensão deste processo societário. Uma atenção inicial para a questão da incerteza é dada através de Bauman que ao afirmar que

existe uma tendência a uma “fabricação de incertezas”, ou seja, o seu processo que resulta em um isolamento das instituições políticas de cunho local. Conseqüentemente, a sua capacidade de interferência fica extremamente reduzida ao se voltar para a questão da incerteza que além de ser exaltada por este amplo processo, ele também é originário da “modernidade líquida”.

Em decorrência deste avançado processo, apontamos para uma questão relevante em nossa proposta que é a de compreender a importância da insegurança. Ela se deve a sua atuação sobre a sociabilidade e como notaremos mais a frente, sobre os efeitos políticos de sua atuação.

Assim, a variedade moderna da insegurança é pautada no medo principalmente “sobre a maleficência e malfeitores humanos. È desencadeada pela suspeita de motivos malévolos da parte de certos homens e mulheres específicos” (BAUMAN, 2008, p.170) e acaba reforçando a idéia de que alguns grupos sociais são responsáveis pela violência urbana e conseqüentemente o medo da convivência metropolitana.

Uma das mais significativas contribuições para o debate acerca do medo, aquela fornecida por Vera Malagutti, indica para um processo de culpabilização inicialmente para os segmentos negros da sociedade perpassando para as classes “ditas perigosas”. Fontes da Imprensa escrita apontam para o aumento deste tipo de medo motivado especialmente pelos impactos da instalação das UPPs² em algumas favelas da cidade, o que fez com que se eleva-se a quantidade de “arrastões³” ocorridos no último ano.

Adota-se os fatos descritos acima como estimuladores de um sentimento comum de responsabilização das classes populares, onde se localizam os criminosos, autores desta onda de medo na cidade, acaba ressaltando a exclusão dos mais diversos tipos e níveis destes segmentos sociais.

² Unidades de Policias Pacificadoras, criadas e instaladas em comunidades carentes antes dominadas pelo tráfico, atualmente elas totalizam 13 unidades.

³ São uma grande concentração de furtos a automóveis principalmente em momentos de congestionamentos.

Uma das conseqüências deste efeito do medo e de seus processos congêneres é o acentuamento do esvaziamento do espaço público e suas relações com a política que será discutido de uma forma mais branda ao final desta comunicação.

Um determinado tipo de exclusão se destaca frente aos demais principalmente ao considerarmos o objetivo central desta reflexão, que é a espacial. Ao dialogarmos com Bauman em seu apontamento sobre a incerteza e a exclusão, percebe-se uma intensa, porém sutil segregação espacial, onde os indivíduos que estão mais próximos dos fluxos globais como, por exemplo, aqueles que possuem a mobilidade como dádiva se isola do contato público e ainda mais do espaço público e de sua principal função, o de ser um essencial articulador da política em seu sentido mais pleno como nos ensinou Hannah Arendt.

Este contexto preliminar aponta para uma preocupação central indicada por Bauman, onde ele afirma que o “medo nos estimula a assumir uma ação defensiva e isso confere proximidade, tangibilidade e credibilidade às ameaças, genuínas ou supostas, de que ele presumivelmente emana. E nossa reação á ansiedade que reclassifica a premonição sombria como realidade cotidiana, dando ao espectro um corpo de carne e osso. O medo se enraíza em nossos motivos e propósitos, se estabelece em nossas ações e satura nossas rotinas diárias.” (BAUMAN, 2008, p.173)

Desta explanação, indicamos para a presença de uma forte representação social acerca do medo em uma metrópole do porte do Rio de Janeiro. Um estudo singular realizado por Henri Lefebvre sobre as representações sociais oferece indicativos relevantes principalmente para a delimitação e compreensão das representações sociais que se concentra na aquisição de tangibilidade por parte da representação social como se nota ao analisar o caso do Rio de Janeiro como morador e os relatos obtidos em outras cidades onde este autor reside.

Ela é adquirida principalmente ao considerarmos que ela atua ao moldar hábitos, costumes e formas de agir pautados no medo social e seus efeitos sociais que são os efeitos mais perversos apontados nesta reflexão assim como ela desvaloriza a esfera pública e inibe o exercício da política como aquele defendido anteriormente.

Como também destaca Jean Baudrillard, constrói-se um simulacro que “não nega a diferença entre a realidade e a sua representação, anulando desse modo a oposição entre verdade e falsidade, ou entre a imagem e sua distorção.” (BAUDRILLARD, 1988, p.168). Eles fortalecem a afirmação da existência de uma representação social que é partilhada pelo senso comum da cidade e que com a aquisição de tangibilidade, passa a denotar um novo elemento nesta rebuscada equação que é o individualismo. No entanto, este novo elemento não será discutido mais detidamente neste momento, para não desviar a atenção da real proposta desta reflexão.

Neste ponto, Baudrillard e Lefebvre apontam para o mesmo caminho: para a tangibilização da representação social e de seus efeitos sobre o território e o mais significativo: a sociabilidade. O seu efeito mais emblemático é notado através da intensificação da segregação em torno da utilização do espaço, de onde se articulam novas configurações espaciais marcadamente sociais e do reforço do individualismo representado neste momento, pelo isolamento de determinados condomínios fechados.

Ao ressaltar o peso desta representação social pautada no medo, podemos indicar para a influência deste sobre o esvaziamento do espaço público e sobre a política como uma instância de agência social. Esta relação é conduzida através de um diálogo pretensioso com Hannah Arendt e Zygmunt Bauman onde a primeira faz uma reflexão densa e extensa sobre o papel da política na contemporaneidade e suas repercussões sobre a sociedade em que vivemos e o segundo constrói um conjunto de conceitos capazes de compreender as múltiplas facetas da “modernidade líquida” de onde se destaca a sua preocupação com a política neste novo contexto societário.

3. Do medo á política: seria o esquecimento da política?

Articular uma relação extensa e densa acerca destes dois temas é um desafio ousado que pede uma discussão entre os campos da sociabilidade e da política, de vertentes distintas e de aproximações peculiares motivando a sua realização assim como de um conjunto de indagações que são indicadas ao longo de deste caminho.

Algumas questões pautam a nossa reflexão nesta parte como a figura do público, do espaço público e o processo de construção de uma nova sociabilidade que é destacado no último item.

A adoção do conceito de política defendido por Hannah Arendt consiste da construção de uma esfera coletiva entre os indivíduos que permitam a dimensão do agir, conseqüentemente esta noção se associa ao do público e do espaço público e que no atual estágio do viver metropolitano de onde é fortemente influenciado pelo medo como um "condicionante social".

O apontamento de alguns subsídios fornece suporte a esta relação como a esfera pública no pensamento da autora que rebate na confecção de uma "esfera social" onde ambas são utilizadas para compreender a relação entre medo e política. Para empregarmos alguns conceitos de Arendt é necessário apontarmos para algumas considerações preliminares. A primeira e mais importante delas é aquela que ela denominou como condição humana.

Ela pode ser compreendida como as características que singularizam o homem como um ser social e o mais relevante para esta reflexão, como um ser político. A condição humana ressalta três elementos centrais: a ação, o labor e o trabalho. E é a partir deles que ela estrutura a sua concepção de política, pautada na dimensão da ação.

Hannah Arendt ressalta que a

ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas e da matéria, corresponde a condição humana da pluralidade... Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política, mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine oqua non*, mas a *condição per quam* - de toda a vida política. (ARENDR, 2008, p15)

repercute na valorização por parte da autora do caráter transformador deste conceito que, em sua reduzida efetividade, reflete tanto na construção de uma nova sociabilidade quanto no esvaziamento do espaço público.

A ação então se torna uma de nossas preocupações centrais neste momento, pois ela motiva principalmente a natalidade como um elemento motivador da condição humana. Assim, "a ação é atividade política por excelência, a natalidade... pode [se] constituir [n]a categoria central do pensamento político." (ARENDR, 2008, p.17).

Em decorrência desta afirmação, adotamos a premissa da busca pela natalidade como fomentador da ação na metrópole contrariamente a uma forte tendência individualista que exerce uma enorme influência na ação e conseqüentemente na política no âmbito da metrópole.

A definição de agir, proposta pela autora, nos auxilia em nossa tarefa ao apontar que “agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar (como indica a palavra grega *archien*, começar, ser o primeiro e, em alguns casos, governar) imprimir movimento a alguma coisa” (ARENDDT, 2008, p. 190) ilustrando a importância deste conceito ao destacar a sua reduzida existência em uma sociedade fortemente influenciada pelo medo e suas conseqüências.

Ao estabelecermos uma relação entre a natalidade, a ação e o público, obtém um panorama onde a capacidade de estimular o nascimento se tolhe interferindo diretamente no surgimento da ação e enfraquecendo a dimensão pública e seus importantes elementos, a esfera pública e o espaço público.

Ao valorizarmos a dimensão do público assim como Hannah Arendt, busca-se recuperar uma noção de mundo onde o

público significa o próprio mundo na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que nos cabe dentro dele. Esse mundo, contudo, não é idêntico a terra ou a natureza como espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. (ARENDDT, 2008, p.62)

incentivando o amadurecimento da política como condição intrínseca ao homem e que só se realizaria neste mundo denominado como público.

A própria definição de política apresentada por Hannah Arendt como ela

surgindo no *entre-os –homens*; portanto, totalmente *fora* dos homens . Por conseguinte, não existe nenhuma substância política original. A política surge no intra-espaço e se estabelece como relação. (ARENDDT, 2007, p.23)

estimula a relação apresentada anteriormente e concretiza uma série de questões a serem exploradas ao longo da reflexão que esta comunicação faz parte. Elas são, primeiro, a consideração de que a natalidade é a origem da ação e que ela se dá na dimensão do público, é possível pensar em uma sociedade onde a ação é um objetivo alcançável; segundo o medo é um elemento que desestimula a política em uma visão arendtiana e

terceiro, o mapeamento dos instrumentos de intervenção do medo sobre alguns segmentos da população carioca.

Com a concentração dos esforços analíticos na observação do binômio ação e política, podemos tecer alguns comentários sobre seus efeitos sobre a dimensão pública especialmente sobre o espaço público. Citando Hannah Arendt ,

o espaço público da aventura e do empreendimento desaparece assim que tudo chega ao seu fim, logo que dissolvido o acampamento do exército e os heróis retornam para as suas casas. Esse espaço só se torna político quando assegurado numa cidade, quando ligado a um lugar palpável que possa sobreviver e ser transmitido as novas gerações. (ARENDDT, 2007, p.54).

A sua caracterização neste sentido nos favorece a afirmar que o espaço público é realçado pela autora como o local dos grandes eventos como se observa na metrópole, mas também deve possuir o seu caráter político, diga-se coletivo, entretanto o que é possível constatar no caso da cidade do Rio de Janeiro é uma tendência a ausência da durabilidade do espaço público como o local do encontro e da ação e cujo “ar da cidade liberta“, afirmou Max Weber

Desta forma, aponta-se para a relevância da representação social criada pelo medo e as conseqüências de sua aplicação na cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, dialogando com Arendt recuperamos a ponderação de que a polis em seu representante o espaço público se constitui na organização de uma comunidade resultando no agir e falar em conjunto e de onde se constitui em um “espaço de aparência” arendtiano.

Ele se constitui naquele espaço onde o cidadão aparece aos outros e estes ao cidadão e adquirem a capacidade do exercício da política em seu sentido pleno, através do discurso e da ação. Logo, ressaltamos este espaço da aparência como um espaço público, pois ele seria uma amálgama do espaço de aparência e do local do exercício da política funciona como um aspecto da vida social mais significativo da cotidianidade metropolitana e que sente mais preocupantemente os seus efeitos como o esvaziamento deste espaço e do reforço do individualismo através da aceleração de sua privatização.

Entretanto, uma tendência que Hannah Arendt denominou como fabricação, ou seja, a subordinação do cidadão á lógica do trabalho, tende a substituir a ação como categoria central na sociedade moderna sendo enormemente acentuada no decorrer do

período contemporâneo. Ela repercutiu na valorização da força no interior do espaço da aparência resultando no fato de alguns cidadãos passarem a exercer um poder as vezes, imensurável sobre os meios de violência o que instigou o surgimento dos modelos políticos de vertente totalitária em que Arendt analisou mais detidamente em sua célebre obra “ Origens do Totalitarismo - anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo”.

Com efeito, a tendência a fabricação reverbera na alienação no que a autora chamou de atrofia do espaço da aparência e o declínio do senso comum causando uma desvalorização do espaço público acentuando a violência, que no caso brasileiro já estaria inerente a sua sociedade fruto de relações autoritárias e mandonistas que a partir do século XIX, com a ascensão da modernidade no país representada pela implementação de uma nova mentalidade de cunho capitalista criando uma situação propícia para que, no final do século XX, as grandes metrópoles atravessassem situações vivenciadas pelo Rio de Janeiro atualmente.

Então, esta associação entre a representação social do medo urbano e da relação fabricação/violência mostra que o individualismo travestido de defensor da coisa pública gera “um público despojado de seus conteúdos diferenciais e ficou sem agenda própria – não passa agora de um aglomerado de problemas e preocupações privados.”(BAUMAN, 2000, p.71) como é demonstrado anteriormente vai apresentar um espaço público desconectado de sua publicidade e que oferta um conjunto de indagações a ser feitas como o processo de construção deste processo no caso específico da sociedade brasileira; das formas de convencimento encontrados nesta representação social e mais, uma pergunta de alcance mais longo e ousado, existe uma saída para a política pensada por Arendt e discutida por Bauman nos primeiros momentos do século XXI. Retornando a proposta inicial desta comunicação, discutiremos mais atentamente a hipótese apresentada no item posterior.

4. Rio de Janeiro: uma nova sociabilidade urbana pautada pelo medo?

O título deste item em formato de interrogação busca indagar sobre a preocupação do autor em compreender mais apuradamente a extensão e a densidade desta “nova” sociabilidade ressaltada pelo medo e que de uma forma intensa diminui a importância da política como aspecto basilar da condição humana arendtiana.

Ao atentarmos para a posição dada por Max Weber sobre a cidade onde ele afirma que “o ar da cidade liberta” consideramos a cidade como o lugar da liberdade. Entretanto com o desenvolvimento do capitalismo e o acentuamento da modernidade a partir do século XVIII e com um ritmo mais acelerado no final do século XIX, constatamos um movimento no sentido inverso.

Nele, a cidade se torna um local pautado pela insegurança e pelo medo que segrega as distintas classes sociais e que em um olhar mais acurado indica para uma significativa conseqüência no campo da política demonstrado principalmente pelo esvaziamento do espaço público.

Esse fenômeno é resultado da construção de representações sociais construídas acerca deste mesmo espaço público que ao analisarmos os discursos de representantes de duas áreas da cidade: a zona sul (AP 1 e 2) e a zona oeste (AP5⁴) se tornam mais característicos.

Estes elementos indicam para uma representação social e indiretamente também para os seus componentes centrais além é claro, de seus efeitos sobre a dimensão política, especialmente na sua descaracterização como constatamos anteriormente.

As entrevistas realizadas ao longo dos últimos 4 meses e a onda de medo generalizado que abrangeu a cidade a poucos dias atrás (entre os dias 28 de novembro á 5 de dezembro) evidenciaram um aspecto mais palpável desta representação que é o medo do espaço público e sua tomada por grupos armados a margem do Estado de Direito.

Conseqüentemente, apresenta-se o que eu denomino como a cristalização do medo especialmente a partir do “novembro negro” em 2010, que se constituiu de um conjunto de ataques orquestrados pelo tráfico de drogas capitaneados por “arrastões⁵”, por incêndios de automóveis e pelo ataque á postos policiais ao longo de toda a cidade que imprimiu a população um significativo sentimento de medo coletivo que fez com

⁴ Cabe destacar aqui que esta região corresponde a um conjunto de bairros como Bangu, Campo Grande e Santa Cruz que possui o menor IDH(índice de Desenvolvimento Humano) da cidade do Rio de Janeiro)

⁵ São uma grande quantidade de assaltos a automóveis realizados durante um engarrafamento especialmente em vias expressas da cidade.

que as pessoas faltassem ao trabalho e deixassem de lado o lazer noturno, uma das características mais conhecidas da cidade.

Outro fato expressivo deste fenômeno se deu através de “boatos” veiculados via redes sociais como *twitter* e *facebook* da ocorrência de uma imensa quantidade de atentados no dia 4 de dezembro(sábado) o que não de fato não ocorreu, mas que demonstrara que, em um panorama de medo coletivo, meras ameaças adquirem tangibilidade e força, apenas por encontrarem um terreno propício a sua profusão.

Ao observarmos mais atentamente para este fenômeno percebemos uma relação entre o “medo social” e os efeitos sociais produzidos pela violência urbana e pela insegurança coletiva constroem uma representação que se tangibiliza devido a ação intensa de discursos e mediações construídos acerca da metrópole como o lugar da violência e da insegurança. Ele indica para efeitos perversos como uma já intensa desvalorização do espaço público o que se demonstra pelo seu isolamento por parte dos cidadãos e pelo Estado o que permitiu a ascensão de grupos paramilitares direcionados ao comércio de drogas e com o fortalecimento do distanciamento da elite e das classes médias em relação ao espaço público, por meio da construção de “condomínios fechados” em um ritmo acelerado nas últimas duas décadas.

Estas questões indicam para uma discussão em torno da representação social que estrutura uma sociabilidade pautada como violenta na fala de Luiz Antônio Machado da Silva e outra correlata incentivada pelo medo que se tornam alvo de nossa atenta análise através de uma consideração de aspectos cotidianos que são frutos e alimentadores de uma sociabilidade caracterizada pelo individualismo potencializada pela insegurança e pelo medo, que inibe a efervescência política como instrumento de agência política.

Bauman nos concede um olhar para este processo bem relevante especialmente ao considerar que o medo e o risco acentuados pela insegurança típicas do atual estágio da modernidade formatam na metrópole carioca um contexto que associa características da “sociabilidade violenta” gerando uma sociabilidade pautada pelo medo.

5. Alguns apontamentos para a discussão

Com vista de apontar para algumas considerações obtidas ao longo da pesquisa, selecionamos três questões relevantes: a relevância do medo como um condicionante social; a relação entre a política e o medo e o esvaziamento do espaço público na metrópole contemporânea. A primeira delas se apresenta através da análise da relação entre medo, o risco e a insegurança, elementos estes típicos da metrópole e da atual fase da modernidade, que criam um ambiente reforçador do individualismo e de uma “anemia” política e que interferem diretamente na dimensão política especialmente ao atentarmos para o espaço público.

Então, o medo e seus impactos guardam estreitas relações com a política, pois ao impedir o desenvolvimento da política em sua condição basilar como nos ensina Hannah Arendt através dos contatos entre os homens, o medo dificulta a obtenção da condição humana que seria alcançada via exercício da política *stricto sensu*.

E por último, o esvaziamento do espaço público em sua dimensão mais significativa que é a política resulta no fortalecimento dos “enclaves fortificados” como uma saída para o esvaziamento do espaço público e da sociabilidade pautada pelo medo.

A estes fatores acrescentamos o individualismo como elemento desagregador do tecido social apresentado um contexto em que a sociabilidade pautada pelo medo funciona como um condicionante social e molda novas práticas e estimula um enfraquecimento da ação política na metrópole.

6.Referências Bibliográficas

ARENDR, Hannah. *A condição humana*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2008.

_____. *A promessa da política*, Rio de Janeiro, DIFEL, 2009.

_____. *O que é política?*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

_____. *Origens do Totalitarismo- Anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

BAIERL, Luzia Fátima. *Medo Social – Da violência visível ao invisível da violência*, São Paulo, Editora Cortez, 2004.

BATISTA, Vera Malagutti. *O medo na cidade do Rio de Janeiro- Dois tempos de uma história*, Rio de Janeiro, Editora Revan, 2003.

BAUDRILARD, Jean, Select Writings, Mark Poster(org), *Polity*, 1988, p.168

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2009.

_____. *Em busca da política*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2000.

_____. *Medo Líquido*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2008.

DELUMEAU, Jean. *A História do medo no ocidente*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *O direito á cidade*, São Paulo, Editora Centauro, 2001.

MACHADO DA SILVA. Luis Antônio. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporâneo no Brasil urbano in RIBEIRO, Luiz Cesár de Queiroz. *Metrópolis – entre a coesão, a cooperação e o conflito*. Rio de Janeiro, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

NOVAES, Adauto(org). *O Esquecimento da Política*, São Paulo, Agir Editora, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Fobópole – o medo generalizado e a militarização da questão urbana*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2008.

VELHO, Otávio. *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1987.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*, Brasília, Editora Unb, volume 2, 2004